

# O HUMOR NA IMPRENSA PERIÓDICA PORTUGUESA (1797-1835)

## HUMOR IN THE PORTUGUESE PERIODICAL PRESS (1797-1835)

**João Pedro Rosa Ferreira**<sup>1</sup>

Endereço Profissional: Avenida de Berna, 26-C / 1069-061 Lisboa

E-mail: [jprosaferreira@gmail.com](mailto:jprosaferreira@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo aborda os processos humorísticos na formação do Portugal contemporâneo. Indaga o papel do humor na construção da opinião pública e pretende compreender o seu lugar no modo como se desenvolveu a comunicação impressa em Portugal no período de transição do Antigo Regime para o Estado liberal e também entender o peso das contradições que o humor revela, seja no plano social seja no político.

**Palavras-chave:** História da leitura e da edição; imprensa periódica; humor.

**Abstract:** The purpose of this article is to explore the impact of humorous processes on the emergence of modern Portugal. The research also looks into the role of humor in the building of public opinion, and intends to discern the place of humor in the development of printed communication in Portugal during the transition from Absolutism to the Liberal state and to grasp the social and political contradictions of humor in that period.

**Keywords:** History of reading and publishing; periodical press; humor studies.

---

<sup>1</sup> Investigador integrado do CHAM – Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH). Doutor em História e Teoria das Ideias e mestre em História Cultural e Política (NOVA FCSH), e licenciado em História (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). É autor de *Castigar a rir. O humor na imprensa periódica portuguesa 1797-1835* (tese de doutorado, NOVA FCSH, <http://hdl.handle.net/10362/43440>), de *O Jornalismo na Emigração. Ideologia e Política no Correio Braziliense (1808-1822)* (Lisboa: INIC, 1992), de artigos publicados em revistas com referências e de comunicações apresentadas em conferências científicas em Portugal, Brasil, EUA, Reino Unido, França e México, além de vários livros de divulgação, entre os quais *Histórias Rocambolascas da História de Portugal* (Lisboa: Esfera dos Livros, 10ª edição 2016). Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD). Membro da International Society for Luso-Hispanic Humor Studies (ISLHHS), da SHARP – Society for the History of Authorship, Reading and Publishing e da International Society for Humor Studies (ISHS). Como jornalista, desempenhou funções de coordenação editorial e de direção em revistas e jornais diários e semanários de Portugal. É colaborador da revista 'Domingo', suplemento dominical do jornal 'Correio da Manhã', de Lisboa.

## Objecto de estudo

Este artigo tem por objeto o impacto dos processos humorísticos na formação do Portugal contemporâneo, desde o início da utilização sistemática desses processos nos periódicos, com o *Almocreve de Petas* (1797-1800), até à publicação de *O Quinquilheiro*, em 1835, no primeiro ano após a guerra civil. Partindo da tensão face ao diferente, procura-se compreender o lugar do humor na cristalização e integração das diferenças e na descoberta da alteridade. Indaga-se o papel do humor no modo como se desenvolveu a comunicação impressa em Portugal no período de transição do Antigo Regime para o Estado liberal. Procura-se entender o peso das contradições que o humor revela, seja no plano social seja no político.

O humor é hoje reconhecido internacionalmente como um tema da maior relevância no âmbito das relações entre culturas, no questionamento dos estereótipos e do outro, na relação entre memória e riso, entre riso e subversão. O debate sobre os limites/fronteiras do humor está na ordem do dia. Sociedades científicas internacionais editam publicações e promovem conferências regulares dedicadas aos estudos sobre o humor. São disso exemplo as revistas *HUMOR*<sup>2</sup>, *Humoresques*; *The Israeli Journal of Humor Research*; *The European Journal of Humour Research*; ou as publicações resultantes dos encontros científicos promovidos pela International Society for Luso-Hispanic Humor Studies<sup>3</sup>. Temos, nestes estudos, três tipos de dados de partida: a identificação de estereótipos; um conhecimento aprofundado das fontes literárias; e o questionamento das características sociológicas e filosóficas do humor e dos conceitos operatórios para a sua compreensão<sup>4</sup>. Estudos mais recentes têm-se dedicado sobretudo ao debate sobre os limites do humor e o seu papel no reconhecimento do outro<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Cujo antigo editor-chefe, Salvatore Attardo, coordenou a mais completa sùmula de estudos sobre o humor. Ver ATTARDO, Salvatore (ed.). *Encyclopedia of Humor Studies*. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore/Washington DC: Sage, 2014.

<sup>3</sup> Os dois últimos livros publicados foram ARANDA, Lucía; VIEIRA, Thaís Leão (org.). *Os Sentidos do Humor: possibilidades de análise do cômico*. São Paulo: Edições Verona, 2016 e FERREIRA, João P. R.; VIEIRA, Thaís Leão (org.). *Humor, Língua e Linguagem: Representações culturais*. São Paulo: Edições Verona, 2017.

<sup>4</sup> Ver BERGSON, Henri. *O Riso*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991 [1900]; KIERKEGAARD, Sören. *The Concept of Irony With Continual Reference to Socrates. Together with Notes of Schelling's Berlin Lectures*. Princeton: Princeton University Press, 1992; JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *L'Ironie*. Paris: Flammarion, 1964; MINOIS, Georges. *Histoire du Rire et de la Dérision*. Paris: Fayard, 2000.

<sup>5</sup> SERNA, Pierre (dir.). *La Politique du Rire: Satires, caricatures et blasphèmes XVIIe-XXIe siècles*. Ceyzérieu: ChampVallon, 2015; COULSON, Shea. *Funnier than Unhappiness: Adorno and the Art of Laughter*. *New German Critique*. Durham (North Carolina). 100, Vol. 34, No 1, p. 141-163, 2007; DARNTON, Robert. *The Devil in the Holy Water, or the Art of Slander from Louis XIV to Napoleon*. Philadelphia: Penn - University of Pennsylvania Press, 2010; DELIGNE, Alain. De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? In LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, Humor e Caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 29-46; LAUTERWEIN, Andréa (dir.); STRAUSS-HIVA, Colette (colab.). *Rire, Mémoire, Shoah*. Paris: Éditions de l'Éclat, 2009. Disponível em <http://www.lyber-eclat.net/lyber/rirememoireshoah/avertissement.html>. Acesso em 9 jun. 2020.

Para o conhecimento do humor em Portugal são de referência os estudos de João Palma-Ferreira<sup>6</sup>; de Alberto Pimenta<sup>7</sup>; de Abel Barros Baptista<sup>8</sup>; ou de Rui Zink<sup>9</sup>. Da perspectiva da história cultural, vejam-se as publicações de João Luís Lisboa<sup>10</sup> e Ana Cristina Araújo<sup>11</sup>. A referência mais actualizada para a história da imprensa é José Tengarrinha<sup>12</sup>. A relação entre o periodismo e o desenvolvimento da opinião pública tem sido estudada pelo mesmo autor<sup>13</sup> e por José Augusto dos Santos Alves<sup>14</sup>

Deve ainda seguir-se o que no Brasil tem sido produzido sobre o humor, sobretudo por Elias Thomé Saliba<sup>15</sup>, Sírio Possenti<sup>16</sup> e Isabel Lustosa<sup>17</sup>, bem como sobre a circulação internacional de textos e leituras, com destaque para Márcia Abreu<sup>18</sup>.

### Enquadramento teórico e metodológico

A metodologia utilizada é a análise textual, paratextual e contextual do *corpus* construído a partir do universo das fontes. O enquadramento teórico que fundamenta essa metodologia é tributário de uma perspectiva interdisciplinar, segundo a qual a leitura é um

---

<sup>6</sup> PALMA-FERREIRA, João. Prefácio, glossário e notas. In SILVA, António Manuel Policarpo da. *O Piolho Viajante. Divididas as Viagens em Mil e Uma Carapuças*. Lisboa: Estúdios Cor, 1973; PALMA-FERREIRA, João. Seleção, prefácio, leitura e notas. In COSTA, José Daniel Rodrigues da. *O Almocreve de Petas e outras prosas*. Lisboa: Estúdios Cor, 1974; PALMA-FERREIRA, João. *Obscuros e Marginados*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980; PALMA-FERREIRA, João. *Do pícaro na literatura portuguesa*. Lisboa: ICALP, 1981.

<sup>7</sup>PIMENTA, Alberto. Prefácio e notas. In COSTA, José Daniel Rodrigues da. *O balão aos habitantes da lua*. Lisboa: Edições 70, 1978.

<sup>8</sup> BAPTISTA, Abel Barros. *Ensaio Facetos*. Lisboa: Livros Cotovia, 2004.

<sup>9</sup> ZINK, Rui. *O Humor de Bolso de José Vilhena*. Oeiras: Celta Editora, 2001.

<sup>10</sup>LISBOA, João Luís. *O Anatômico* entre os papéis jocosos setecentistas. In LUSTOSA, Isabel (org.). *Op. cit.*, p. 391-406; LISBOA, João Luís. Read, watch and laugh (with eighteenth century humorous books). In FERRÃO, Leonor e BERNARDO, Luís M. (ed.). *Views on Eighteenth Century Culture, Design, Books and Ideas*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015, p. 346-357.

<sup>11</sup> ARAÚJO, Ana Cristina, Vocabulário, imagens e modalidades irónicas de comunicação política em finais de Antigo Regime. O caso de José Daniel Rodrigues da Costa, *In Actas do IV Congresso Histórico de Guimarães - Do Absolutismo ao Liberalismo*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2009, p. 147-173.

<sup>12</sup> TENGARRINHA, José. *Nova História da Imprensa Portuguesa. Das Origens a 1865*. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2013.

<sup>13</sup> TENGARRINHA, José. *Imprensa e Opinião Pública em Portugal*. Coimbra: Edições Minerva, 2006.

<sup>14</sup> ALVES, José Augusto Santos. *O Poder da Comunicação*. Lisboa: Casa das Letras, 2005; *Glória, Memória e Mito: O periodismo vintista (1820-1823)*. Porto: Media XXI, 2013; *A Opinião Pública em Portugal: Da Praça Pública à Revolução (1780-1820)*. Porto: Media XXI, 2015.

<sup>15</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. O mesmo autor coordena o grupo de pesquisa Humor e História, Universidade de São Paulo, cujo trabalho está disponível em <https://humorhistoria.wordpress.com/grupo-pesquisa/>. Acesso 15 jun. 2020.

<sup>16</sup> POSSENTI, Sírio. *Os Humores da Língua*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

<sup>17</sup> LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na Independência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; (org.). *Imprensa, Humor e Caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

<sup>18</sup> ABREU, Márcia. *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/FAPESP, 2008; ABREU, Márcia; DEACTO, Marisa Midori (org.). *A Circulação Atlântica dos Impressos - Conexões*. Campinas: UNICAMP/ Setor de Publicações, 2014. Disponível em [https://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao\\_transatlantica\\_dos\\_impre](https://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre). Acesso em 9 jun. 2020.

processo de construção de sentido, no cruzamento entre os leitores (com as suas práticas e competências) e os textos, cujo significado está dependente de dispositivos discursivos e formais, de que resultam práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação<sup>19</sup>.

A abordagem dos periódicos incluídos no *corpus* da investigação teve em atenção aquelas noções – de apropriação, representação, prática – mas também as de delimitação e de distinção<sup>20</sup>, levando em linha de conta que os protocolos de leitura inscritos nos textos e os seus efeitos de legitimidade<sup>21</sup> decorrem de percepções do social que não são discursos neutros: produzem estratégias, legitimam projectos e justificam escolhas que correspondem a mecanismos de poder e de dominação<sup>22</sup>.

Questão prévia consiste em saber do que falamos quando falamos de humor, isto é, percorrer a distância da palavra ao conceito<sup>23</sup>: acompanhar a construção do conceito de humor e a sua evolução. Na verdade, o campo semântico recoberto pelo conceito de humor é vasto<sup>24</sup>, abrangendo noções passíveis de estudos parcelares do ponto de vista da linguística, mas cuja abordagem integrada faz sentido do ponto de vista da história das ideias, numa perspectiva sincrónica e diacrónica<sup>25</sup>, pondo em evidência, como demonstra Reinhart Koselleck, «a estratificação dos significados de um mesmo conceito em épocas diferentes»<sup>26</sup>.

---

<sup>19</sup>CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002, p. 16-28. Sobre a história do livro e da leitura, ver FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O Aparecimento do Livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000; ANSELMO, Artur. *Fronteiras da História do Livro. Cultura*. Lisboa. Vol. IX, II série, p. 15-22, 1997; e BAPTISTA, Abel Barros. 'Vem de longe a marca do suporte material': Uma entrevista com João Luís Lisboa. *MATLIT: Revista do Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura*. Centro de Literatura Portuguesa, Vol. 2, nº 1, 2014, p. 159-164. Lisboa. Disponível em [http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830\\_2-1\\_8](http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_2-1_8). Acesso 15 jun. 2020.

<sup>20</sup> Ver BOURDIEU, Pierre. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris : Les Editions de Minuit, 1979.

<sup>21</sup> BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In CHARTIER, Roger (dir.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 229-253.

<sup>22</sup> «Ocupar-se dos conflitos de classificação ou de delimitações não é afastar-se do social como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas – muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais» (CHARTIER, Roger. *Op.cit.*, p. 17). Sobre as questões do poder e da dominação ver FOUCAULT, Michel. *Le pouvoir: comment s'exerce-t-il?*. In DREYFUS, Hubert ; RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Un parcours philosophique*. Paris : Gallimard, 1984, p. 308-321; e HABERMAS, Jürgen. *La technique et la science comme «idéologie»*. Paris: Denoël, 1973, p. 133-162.

<sup>23</sup> «No conceito, significado e significante coincidem na mesma medida em que a multiplicidade da realidade e da experiência histórica se agrega à capacidade de plurissignificação [...] A linguagem conceitual é, em si, um meio consistente para problematizar a capacidade de experiência e a dimensão teórica [...] O método da história dos conceitos é capaz de superar o círculo vicioso da palavra em relação ao objeto e vice-versa» (KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC Rio, 2011, p. 108-110.).

<sup>24</sup> O humor é aqui entendido em sentido lato, incluindo termos que, apesar da sua especificidade, designadamente linguística, são cobertos pelo conceito, como paródia, sarcasmo, facécia, jocosidade, sátira, troça ou ironia. Ver DYNEL, Marta. Isn't it ironic? Defining the scope of humorous irony. *HUMOR*. Berlin/Boston. Vol. 27, nº. 4, p. 619-639, 2014; e PINHARANDA, João; SANTOS, José Manuel dos; SILVA, Nuno Artur; CRESPO, Nuno. Riso: modos de usar. In CRESPO, Nuno (coord.). *Riso*. Lisboa: Tinta da China, 2012, p. 20-41.

<sup>25</sup> Ver KOSELLECK. *Op. cit.*, p. 114.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 115.

É essa evolução do conceito que faz com que seja frequente o leitor actual encontrar alguma dificuldade em apreender o sentido humorístico em textos de épocas passadas,

[...] um humor que, com o passar dos anos, foge ao entendimento, que se capta dificilmente, que depende do contexto e do gosto do momento. É verdade que o grotesco é universalizável, embora tantas vezes identifique situações concretas que, também estas, passam e se perdem. Ou seja, percebe-se o elemento de humor, embora se possa perder um determinado alvo concreto. Mas, enquanto o humor violento explicita, o moderado sugere. O humor escabroso recorre a expedientes reconhecíveis, enquanto o subtil não se deixa entender e não passa sem os referentes que lhe dão sentido<sup>27</sup>.

Daí a importância da definição dos conceitos<sup>28</sup> e da abordagem histórica da «tensão dinâmica» entre a realidade e os conceitos, que «por sua vez auxiliam a identificar, do ponto de vista teórico, a relação cronológica entre o acontecimento e a estrutura, ou a justaposição de permanência e alteração»<sup>29</sup>.

De acordo com a releitura que Michel Foucault faz de Nietzsche, um dos usos da história é a paródia, o efeito cómico destruidor da realidade<sup>30</sup>. Esse efeito iconoclástico passa pelo fornecimento de «identidades de substituição», sob a forma de disfarces – máscaras – , que se vão sucedendo num «grande carnaval do tempo»<sup>31</sup>. A metáfora carnavalesca adequa-se ao «desfile» de significados que participaram na construção do conceito de humor ao longo da sua evolução histórica<sup>32</sup>.

---

<sup>27</sup> LISBOA, João Luís, *O Anatômico* entre os papéis jocosos setecentistas. In LUSTOSA, Isabel (org.). *Op. cit.*, p. 391-392.

<sup>28</sup> «Conceitos que abarcam fatos, circunstâncias e processos do passado, tornam-se, para o historiador social que deles se serve em sequência, categorias formais, estabelecidas como condição de existência de uma história possível» (KOSELLECK. *Op. cit.*, p. 116).

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 117.

<sup>30</sup> FOUCAULT, Michel. Nietzsche, la généalogie, l'histoire. In BACHELARD, Suzanne et al. *Hommage à Jean Hyppolite*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971, p. 145-172.

<sup>31</sup> «Le bon historien, le généalogiste, saura ce qu'il faut penser de toute cette mascarade. Non point qu'il la repousse par esprit de sérieux; il veut au contraire la pousser à l'extrême: il veut mettre en oeuvre un grand carnaval du temps, où les masques ne cesseront de revenir [...] Car cette identité, bien faible pourtant, que nous essayons d'assurer et d'assembler sous un masque, n'est elle-même qu'une parodie» (*Ibidem*, p. 169-170).

<sup>32</sup> A mais antiga das teorias do humor é aquela segundo a qual o riso resulta de uma percepção de superioridade. Da Grécia antiga até ao Iluminismo, quem se ri, ri-se de alguém. O motivo é o ridículo provocado por um defeito, uma deformidade, qualquer coisa no outro que o torne inferior aos olhos daquele a quem provoca o riso (KEANE, Catherine. *Defining the Art of Blame: Classical Satire*. In QUINTERO, Ruben (ed.). *A Companion to Satire. Ancient and Modern*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 31-51; e BREMMER, Jan. *Jokes, Jokers and Jokebooks in Ancient Greek Culture*. In BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (ed.). *A Cultural History of Humour*. Cambridge: Polity Press, 1997, p. 11-28). Os alvares do Renascimento revelaram a existência de toda uma cultura popular europeia dominada pelo riso, em oposição à cultura oficial imposta pelo clero e marcada pelo medo, o sofrimento e a auto-flagelação. O carnaval foi apresentado como um momento de inversão dos valores sociais e culturais, caracterizado pelo realismo grotesco e a subversão do poder, como ficou patente nas obras de Rabelais (BAKHTINE, Mikhail. *L'Oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*. Paris: Gallimard, 1970). A partir da época das Luzes, o riso tende a perder o carácter malévol e passa a valorizar a incongruência entre coisas ou situações deslocadas. A incongruência não é ridícula – é cómica (SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 109; BERGSON,

## 1. Balizas cronológicas, fontes e problemas

Apesar da presença de manifestações de humor nos almanaques manuscritos setecentistas, em grande parte jocosos, e em impressos como *Anatómico Jocosos*<sup>33</sup> ou *Palestras Críticas e Semi-Jocosas*<sup>34</sup>, só com a publicação do *Almocreve de Petas*, em 1797, os recursos humorísticos se instalam de forma sistemática nos periódicos<sup>35</sup>. É essa, portanto, a baliza cronológica inicial desta tese, cuja baliza final – *O Quinquilheiro*<sup>36</sup> – se localiza em 1835, ainda durante o «ano 1» da vigência definitiva da monarquia constitucional. Com o fim da guerra civil, em 1834, criam-se as condições para a «abertura à contemporaneidade»<sup>37</sup> da imprensa e inicia-se uma nova fase do periodismo humorístico. Nesse período de 38 anos Portugal viveu a transição do Antigo Regime<sup>38</sup> para o Estado liberal<sup>39</sup>, porventura a maior transformação política e social da história do país.

---

Henri. *O Riso*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991, p. 17-18. Ver também a distinção operada por Kierkegaard entre ironia e humor em KIERKEGAARD, Sören. *The Concept of Irony With Continual Reference to Socrates. Together with Notes of Schelling's Berlin Lectures*. Princeton: Princeton University Press, 1992, p.431-432). Além de notar que o riso resulta da constatação de uma incongruência, Kant tinha realçado a sua importância para a saúde humana ao proporcionar o alívio das tensões (KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, p.227-228). Para Freud, a tensão é o resultado da censura (interdito ou proibição interna) que provoca a frustração e o recalçamento das pulsões (impulsos naturais, como a fome ou o desejo sexual). O humor permite enganar (sublimar) essa censura quebrando um interdito. Foi também o fundador da psicanálise quem classificou o riso como um fenómeno social. O prazer a que dá origem é um prazer colectivo: para que as piadas funcionem é preciso uma audiência (FREUD, Sigmund. *Le Mot d'Esprit et sa Relation à l'Inconscient*. Paris: Gallimard, 2005, p. 87 e 266). A discussão sobre os limites do humor (ADORNO, Theodor A. Is Art Lighthearted?. *Notes to Literature*. Vol. 2. New York: Columbia University Press, 1992, p. 252) – importa ter em conta o seu papel tanto enquanto arma de protesto social, realçada por Hart (HART, Marjolein't; BOS, Dennis (ed.). *International Review of Social History: Supplement 15: Humour and Social Protest*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 1-20), como enquanto instrumento de controlo social, sublinhado por Billig (BILLIG, Michael. *Laughter and Ridicule: Towards a Social Critique of Humour*. London: Sage, 2005, p. 235 *passim*) - é um debate em curso cujo impacto na sociedade atual se tornou patente na sequência dos atentados perpetrados por terroristas islâmicos à redação do semanário humorístico *Charlie Hebdo*, em Paris, em janeiro de 2015, problematizados por Serna (SERNA, Pierre. *Op. cit.*, p. 11-47).

<sup>33</sup> SANTA CATARINA, Lucas de. *Anatomico Jocosos, Que Em Diversas Operaçoens Manifesta A Ruindade Do Corpo Humano, Para Emenda do Vicioso*. Lisboa: Na Officina do Doutor Manoel Alvares Solano, 1755-1758. Ver LISBOA, João Luís. *O Anatómico entre os papéis jocosos setecentistas*. In LUSTOSA, Isabel (org.). *Op. cit.*, p. 391-406.

<sup>34</sup> COSTA, Caetano Ferreira da. *Palestras Críticas e Semi-Jocosas*. Lisboa: Na Offic. de Caetano Ferreira da Costa, 1771.

<sup>35</sup> COSTA, José Daniel Rodrigues da. *Almocreve de Petas, ou Moral Disfarçada, Para Correção Das Miudezas da Vida*. Segunda Edição. Lisboa: Na Officina de J. F. M. de Campos, 1819 [1797-1800]. Ver PALMA-FERREIRA, João. Prefácio. In COSTA, José Daniel Rodrigues da. *O Almocreve de Petas e outras prosas*. Lisboa: Estúdios Cor, 1974, p. 9-38.

<sup>36</sup> *O Quinquilheiro*. Lisboa: Na Imprensa de João Maria Rodrigues e Castro, 1835.

<sup>37</sup> TENGARRINHA. *Op. cit.*, p. 473.

<sup>38</sup> PEREIRA, José Esteves. *O Pensamento Político em Portugal no Século XVIII. António Ribeiro dos Santos*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983; HESPANHA, António Manuel (coord.). *O Antigo Regime*. In MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Quarto Volume. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993; HESPANHA, António Manuel (ed.). *Poder e Instituições na Europa do Antigo Regime*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

<sup>39</sup> DIAS, Graça e José Sebastião da Silva. *Os Primórdios da Maçonaria em Portugal*. Vol. I, Tomos I e II. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980. BONIFÁCIO, Maria de Fátima. *A Monarquia Constitucional 1807-*

O levantamento bibliográfico permitiu a construção do *corpus*, para o qual se seleccionaram fontes<sup>40</sup> representativas da utilização do humor ao serviço de estratégias diversas, tendo em conta que, ao fazer história das ideias, deve procurar-se não só compreender o que os autores escreveram mas também a intenção subjacente a esse acto de comunicação<sup>41</sup>.

Cabe aqui realçar a função dos paratextos<sup>42</sup> na estratégia de comunicação dos periódicos. Veja-se, a título de exemplo, *O Espreitor do Mundo Novo. Obra Critica, Moral e Divertida*, publicado sob a forma de 12 folhetos mensais ao longo de 1802. O frontispício identifica o número do folheto e o mês, ilustrado por uma gravura representando um homem a espreitar por um óculo uma cidade iluminada pelo sol e uma velha corcunda a olhar para a lua e as estrelas, legendada pela quadra: «A Velhice procura o Mundo velho,/ Sagaz Espreitor indaga o novo,/ Ambos absortos ficão porque encontrão,/ Outro trato, outros usos, outro Povo.» Inclui o nome do autor («Por José Daniel Rodrigues da Costa»), o local de edição e a data («Lisboa. MDCCCII»), o impressor («Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira») e a licença («Com Licença da Meza do Desembargo do Paço»). Teve segunda edição em 1819, impressa por JFM de Campos. Na página seguinte apresenta a epígrafe: *Quid verum, atque decens, turo & rogo, & omnis in hoc sum/ Condo, & compono, que mox depromere possim.* Horat. Epist. I. L. I. v. 11 e 12. E a respectiva tradução: «Cuido em ser verdadeiro, em ser decente,/ Pergunto, vejo, observo, e tudo guardo:/ Reflexiono depois, de nada abuso,/ E de quanto indaguei, faço bom uso.» Na última página surge o anúncio: «Vende-se esta Obra do Espreitor do Mundo novo nas Lojas seguintes: Na da Viuva Bertrand, e Filhos ao Chiado, ao pé da Igraja[sic] de N.S. dos Martyres, N. 45».

O *corpus* é, assim, constituído essencialmente por periódicos em que o humor é utilizado de forma sistemática, com destaque para os da autoria de José Daniel Rodrigues da Costa<sup>43</sup>; o *Piolho Viajante*, de António Manuel Policarpo da Silva; *A Tripa Virada, Tripa por Huma Vez, A Besta Esfolada e O Desengano*, entre os redigidos por José Agostinho de Macedo; *Chegou o papão e O Quinquilheiro*, na fase final da guerra civil e imediatamente após a instauração definitiva do regime constitucional.

---

1910. Lisboa: Texto Editores, 2010; VALENTE, Vasco Pulido. *A Revolução Liberal (1834-1836)*; VALENTE, Vasco Pulido. *Os «Devoristas»*. Lisboa: Alêtheia, 2007.

<sup>40</sup> Na acepção dada por PEREIRA, José Esteves. *Sobre a História das Ideias*. Lisboa: Centro de História da Cultura, 1992, p. 68-81.

<sup>41</sup> SKINNER, Quentin. *Visões da Política. Sobre os métodos históricos*. Lisboa: Difel, 2005, p. 117.

<sup>42</sup> GENETTE, Gerard. *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil, 1987, *passim*.

<sup>43</sup> ARAÚJO, Ana Cristina. *Op cit.*, *passim*.

Mas o humor aflora também em periódicos políticos, caso do *Correio Braziliense*, cujo público-alvo era a burguesia comercial de Lisboa, Porto e Brasil e a comunidade luso-brasileira de Londres, além da corte do Rio de Janeiro. A perspectiva da realidade portuguesa, filtrada pelos olhos de um brasileiro expatriado em Londres, justifica a sua inclusão. O redactor do *Correio Braziliense*, Hipólito da Costa, fez também uma incursão pelo humor, em 1811, com *O Amor d'Estranja*, uma peça apresentada como a primeira de uma série de dramas joco-sérios destinados a satirizar a sociedade portuguesa.

Atente-se, mais uma vez, no paratexto, sublinhando a caução invocada nas epígrafes. São duas citações de autores satíricos que ajudam a entender o objectivo do autor e, também, a definir a sua inserção numa tradição cultural determinada<sup>44</sup>. A primeira epígrafe cita a *Sátira 1<sup>a</sup>* do neoclássico português Correia Garção (1724-1772), cultor de Horácio e membro fundador da Arcádia Lusitana, redator da *Gazeta de Lisboa* entre 1760 e 1762, que acabou por morrer na prisão do Limoeiro sob o consulado de Pombal<sup>45</sup>: «Que se guardem de mim, porque se peço/ Ao Campeão d'Apúlia a longa espada,/ Com que fendia as costas dos Romanos;/ Nem a maldita fama bolorenta/ De seus célebres nomes esquecidos/ Ilesa deixarei, senão contados/ E a fábula do povo em toda a idade».

A segunda citação é da *Sátira I* do clássico latino Juvenal: «*Tam quis iniqua etam patiens urbis, tam ferrens, ut teneat se*» («É preciso ser-se de ferro para se conter nesta cidade iníqua»). Este verso aparece, também, citado pelo satirista inglês Samuel Johnson em epígrafe ao seu poema *London*, de 1738, que tem como subtítulo «Uma Imitação da Terceira Sátira de Juvenal». De notar, além do conhecimento da obra de Juvenal adquirido porventura durante os estudos na Universidade de Coimbra, a probabilidade de Hipólito da Costa ter lido Johnson durante o exílio londrino<sup>46</sup>.

A experiência não teve continuidade – surge neste trabalho como exemplo de um periódico humorístico falhado –, porventura por se tratar de uma tentativa menos conseguida no conjunto da obra do patriarca do jornalismo liberal em Portugal e no Brasil<sup>47</sup>.

---

<sup>44</sup> Sobre o «efeito-epígrafe» como forma de caução indirecta e de reivindicação do prestígio de uma filiação cultural no âmbito da estratégia de legitimação do autor, ao mesmo tempo que, com este paratexto, o autor estabelece um laço com o leitor através de um «gesto mudo» que apela à interpretação daquele ver GENETTE, Gérard. *Op. cit.*, 1987, p. 145.

<sup>45</sup> TENGARRINHA – *Op. cit.*, 2013, p. 71-77; SARAIVA, António José – Introdução. In GARÇÃO, Pedro António Correia – *Obras Completas*. Vol. I. Lisboa: Sá da Costa, 1957, p. I-XLVIII.

<sup>46</sup> JOHNSON, Samuel – *London. A Poem in Imitation of the Third Satire of Juvenal*. [Emlinha]. Londres, 1738. [Consult. 14.11.2014]. Disponível em <http://www.online-literature.com/samuel-johnson/3246/>; ENGELL, James. Satiric Spirits of the Later Eighteenth Century: Johnson to Crabbe. In QUINTERO, Ruben (ed.). *Op. cit.*, p. 233-256.

<sup>47</sup> FERREIRA, João Pedro Rosa. *O Jornalismo na Emigração. Ideologia e Política no Correio Braziliense 1808-1822*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/ Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1992, p. 204-238.

A representatividade do *corpus* é sustentada pelo lugar ocupado pelo humor nos periódicos escolhidos e também porque estes correspondem a processos e posições político-morais diferentes. No intervalo cronológico considerado, a embrionária opinião pública passou da discussão moral (incluindo a crítica de costumes) à discussão política. Tal foi possível devido às duas traves da grande expansão da leitura na passagem do século XVIII para o século XIX, os periódicos e a política. Os periódicos proporcionavam um entretenimento admissível (papel que depois foi ocupado pelo romance), abrindo a fresta por onde a política acabaria por entrar. O humor serve-se disso – as piadas funcionam como elemento de atracção de leitores – ao mesmo tempo que serve essa abertura política e social: é fundamental para a construção daquelas duas traves da leitura.

O humor exige proximidade: comporta jogos de palavras e de sentido que, originalmente, se destinam a ser vistos e ouvidos e não tanto lidos. A distância em relação à área cultural em que as piadas foram criadas dificulta a sua compreensão. No entanto, e apesar de o sentido das piadas poder mudar à medida que se afasta no espaço e no tempo do seu lugar de produção, o humor também pode ser entendido à distância, precisamente através da leitura – nomeadamente da leitura de periódicos, para cuja expansão as piadas contribuíram como factor de atracção de leitores para uma mesma «comunidade de riso»<sup>48</sup>.

### **Da crítica de costumes à crítica social e política**

A evolução dos conteúdos humorísticos na imprensa periódica portuguesa entre 1797 e 1835 acompanhou a evolução da sociedade onde esses periódicos eram produzidos, circulavam e que deles se apropriava. A crítica de costumes feita pelo *Almocreve de Petas* e pelos restantes periódicos editados por José Daniel Rodrigues da Costa, tão ao gosto dos leitores que justificou reedições sucessivas até meados do século XIX – a terceira edição do *Barco da Carreira dos Tolos* data de 1850 –, circulou com o mesmo sucesso editorial no Antigo Regime, no triénio vintista, no absolutismo pós-Vilafrancada, na primeira vigência da Carta Constitucional, no miguelismo e, já depois da morte do autor no liberalismo pós-Guerra Civil, no setembrismo, no cabralismo e na Regeneração<sup>49</sup>. Gerações de leitores

---

<sup>48</sup> «El factor que selecciona a los miembros de una comunidade de la risa es lo que los hace reír», WILK-RACIEŃSKA, Joanna. Comunidad de la risa: concepto reescrito en términos de la lingüística cultural. In SILVA, Robson P.; VIEIRA, Thaís L. (org.). *XVI Congresso da Sociedade Internacional de Humor Luso-Hispânico – Caderno de programação e resumos*. Jataí: Universidade Federal de Mato Grosso, 2015, p. 28.

<sup>49</sup> Em pleno século XXI, *Almocreve das Petas* é o título de uma página da rede social Facebook, que sucedeu a um blogue homónimo.

apropriaram-se das fórmulas jocosas de José Daniel, apesar do seu silêncio em matéria de «personalidades» e de religião, condição posta pela censura para autorizar a publicação dos segundo e terceiro tomos das suas obras poéticas, em 1796, e que o autor, prudente, respeitou daí em diante. Futuras investigações poderão aclarar a referência de Balbi à influência da mulher de Rodrigues da Costa na sua obra literária.

Comum à forma como ridiculariza os alvos identificados que, de algum modo, questionam a padronização dos costumes, sobressai no *Almocreve de Petas* e n' *O Espreitador do Mundo Novo* o preconceito contra o outro, um preconceito sobretudo social, sustentáculo do conformismo político que marca a linha editorial de ambos os periódicos. O outro são os pobres, os saloios, os galegos, os alentejanos, os estrangeiros, os negros, as mulheres, os velhos, os jovens em busca de afirmação. Preconceito contra as modas, contra o que vem de fora, a novidade, a mudança. Mas também, e às vezes de forma inesperada, esse outro – agente de mudança – é apresentado sob traços favoráveis, como no folheto em que elogia a crioula Clara de Luz, a quem atribui uma resposta que constitui um momento de modernidade nas páginas do jornal: «[...] eu não tenho mais nem menos que as outras mulheres»<sup>50</sup>.

Por outro lado, os que vivem do trabalho alheio, além de postos a ridículo, são invariavelmente castigados – enganados, roubados, por vezes sovados – dando-se, deste modo, voz a uma certa vingança dos «de baixo». A crítica jocosa do novo e da mudança (incluindo a mobilidade social) tem como corolário a possibilidade de conceber o outro e a mudança. O humor do *Almocreve* não traz consigo a aceitação do outro, mas, ao constatá-lo, cria condições para o reconhecimento da alteridade. Questionar esse humor confirma a dimensão complexa e ambígua do riso<sup>51</sup>.

Também *O Piolho Viajante* teve uma recepção assinalável, registando-se, além das edições originais de cada um dos quatro tomos entre 1802 e 1804, novas edições dos tomos anteriores à medida que os novos iam sendo publicados e reedições «emendadas» da obra completa em 1821, 1826, 1837, 1846 e 1854. Tamanha procura comprova o alargamento da leitura e da edição e, através delas, da opinião pública que viria a desempenhar um papel no liberalismo. Para o aparecimento dessa opinião pública contribuiu a crítica social, marca diferenciadora do humor do *Piolho Viajante*, cuja 72<sup>a</sup> e última carapuça foi originalmente publicada em 1804, inviabilizando a eventualidade, que chegou a ser admitida, de alguns episódios terem sido escritos durante ou depois das invasões francesas ou mesmo no

---

<sup>50</sup>COSTA, José D. R. da C. *Almocreve de Petas*. Cl, p. 5).

<sup>51</sup>SERNA. *Op. cit.*, p. 14-16; LISBOA. *Op. cit.*, 2015, p.355-357.

vintismo<sup>52</sup>. Visando diversos tipos sociais da realidade portuguesa na transição do Antigo Regime para o liberalismo, avulta, sobretudo, a crítica aos «de cima», sublinhando que «pobre com rico não faz boa liga».

A sátira social do *Piolho Viajante* nunca esquece que o seu alvo principal são os «alquimistas do dinheiro alheio». Consciente da temporalidade – «o tempo he que faz as cousas [...] vamos como elle quer, visto elle não querer o que eu quero»<sup>53</sup> –, o riso que resulta da mordidela do Piolho – «se me morder de leve, hei de rir, e se me emendar algum vicio hei de chorar pelo não ter emendado antes, que ele mo anunciasse»<sup>54</sup> – revela, afinal, a sua eficácia: subverte e esconjura o medo<sup>55</sup>.

Percorrendo o terreno acidentado das fronteiras do humor, percebemos também o lugar da relação entre mentira e verdade nos folhetos de José Daniel Rodrigues da Costa. O «tempero» das petas realça a «verdade encoberta» sob as convenções das práticas sociais, para lá do ópio, do fingimento, da falsidade, enfim, da mentira, cuja «(in)veracidade»<sup>56</sup> é questionada. Instrumento de controlo social na sua dimensão de disciplinador pelo ridículo<sup>57</sup>, por vezes subversivo<sup>58</sup>, o humor é amoral<sup>59</sup> – mesmo que o autor, como no caso de José Daniel, alardeie o intuito moralizador da sua crítica de costumes, destinada a «corrigir os vícios».

Da extensa produção de José Agostinho de Macedo, discutiram-se neste trabalho *A Tripa Virada*, *Tripa por Huma Vez*, *A Besta Esfolada* e *O Desengano*, periódicos em que os excessos de linguagem são a parte mais visível de uma utilização amoral do humor ao serviço de uma estratégia política para além do limite entre o sério e o risível. A busca do efeito cómico é instrumental em Macedo – «combato com as armas do ridículo»<sup>60</sup> –, para quem o riso funciona como uma verdadeira «disciplina do embaraço». A repressão pela comicidade é a contribuição de Macedo para a construção de uma opinião pública favorável, ao mesmo tempo que restringe o acesso ao espaço público, reservado aos seus, nunca ao outro: «Estejão calados!»<sup>61</sup> Macedo é um mestre do sarcasmo e da sátira, mas não da ironia<sup>62</sup>. Esta ausência de ironia leva a pensar, em contraponto, no lugar da ironia nos periódicos de José

---

<sup>52</sup> PALMA-FERREIRA. *Op. cit.*, 1973, p. 292.

<sup>53</sup> *Piolho Viajante*. Tomo III, p. 209-212.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. ix.

<sup>55</sup> PEREIRA, Ricardo A. *Op. cit.*, p. 107-10.

<sup>56</sup> DYNEL. *Op. cit.*, 2017, p. 83-102.

<sup>57</sup> BILLIG. *Op. cit.*, p. 235.

<sup>58</sup> DELIGNE. *Op. cit.*, p. 29-46.

<sup>59</sup> BOURGUINAT. *Op. cit.*, p. 290.

<sup>60</sup> MACEDO, José Agostinho. *Besta Esfolada*. Nº inédito [27], p. 3.

<sup>61</sup> *Ibidem*. Nº 12, p. 9.

<sup>62</sup> ANDRADE. *Op. cit.* 2001, p. 141; JANKÉLÉVITCH. *Op. cit.*, p. 9-37.

Daniel Rodrigues da Costa e também no *Piolho Viajante*, onde, sobretudo a auto-ironia, cria situações de maior proximidade com o leitor, numa estratégia de simpatia que contrasta com o sarcasmo macediano, recurso favorito do seu riso liberticida, que não pretende respeitar os limites da decência, da crueldade, da obscenidade. Livros e periódicos são para queimar, ossos são para quebrar à cacetada, corpos para enforcar. O outro, o adversário, o que é diferente (pedreiro livre, «malhado», mulher, brasileiro) é desumanizado, mesmo diabolizado – «verdadeiros Demonios com apparencia humana»<sup>63</sup>.

Incapaz de reconhecer o outro, de dialogar, Macedo tinha uma profunda aversão à mudança política e social. Ao mesmo tempo, as suas formas de pensar e agir estavam sustentadas por uma erudição e uma cultura sólidas, servidas por um talento capaz de utilizar recursos literários, sobretudo os jocosos, com destaque para a sátira, o sarcasmo e a troça. Usou-os com eficácia, ao serviço do obscurantismo mais violento. A sua obra, e particularmente os periódicos aqui estudados, desafia uma reflexão sobre o «imoralismo cómico»<sup>64</sup>.

Esta violência e a diversificação das formas da troça colocam a questão dos efeitos que o humor provoca. Atrás disse-se que, ao fazer troça, tornava-se presente o objecto da troça e dava-se-lhe realidade. E pode o humor funcionar como «normalização» daquilo que se pretende recusar? Esta pergunta aparece numa discussão recente, protagonizada por Gabriel D. Rosenfeld, para quem é contraproducente a «normalização» operada sobre a figura histórica de Hitler, por obra dos inúmeros exemplos do seu tratamento humorístico. Ou seja, como um confronto essencialmente moral de uma ocorrência dramática pode ser atenuada pela repetição da figura cômica da personagem execrável<sup>65</sup>. Pelo contrário, Benjamin Aldes Wurgaft argumenta que os expedientes humorísticos, como outras formas de tratamento estético, longe de atenuar a carga moral da memória, acentuam-na, execrando a personagem<sup>66</sup>. Porque, para que o humor sobre Hitler funcionar, é necessário, como escreveu Mary Douglas, que o leitor reconheça a inversão de valores e o carácter

---

<sup>63</sup> MACEDO. *O Desengano*. N.º 13, p. 2.

<sup>64</sup> CARROLL. *Op. cit.*, p.106-115.

<sup>65</sup> ROSENFELD, Gabriel D. *Hi, Hitler: How the Nazi Past is Being Normalized in Contemporary Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

<sup>66</sup> WURGAFT, Benjamin Aldes. Notes on Camps, or, Counterfactual Führers and the Structure of the Joke. *History & Theory*. Middletown, Connecticut. Vol. 56, N.º 3, p.433-441, 2017. No caso que Rosenfeld e Wurgaft discutem, o problema não será tanto a figura do Führer que se normaliza, mas uma certa memória do Holocausto que se considera incompatível com qualquer forma de humor.

doentio do discurso que se parodia<sup>67</sup>. E aí o humor joga essencialmente num contraste reconhecido e partilhado, e não nas nuances.

A questão coloca-se para a memória como se coloca para o combate das ideias e das formas de poder. Verificamos que o humor não é homogéneo, e que as suas formas se relacionam diferentemente com as circunstâncias. Discute-se se o humor, em vez de reforçar os grandes contrastes (preto/branco, positivo/negativo), não introduziria matizes de sentido que, paradoxalmente, não poderiam contribuir para a humanização dos alvos da troça. Mas somos levados a pensar que não é completamente adquirido um dado efeito, dependendo da relação que a comunidade estabelece com o objecto da graça, do modo como esse objecto absorve e replica esses efeitos, como se revela mais complexo, na esfera da comunicação. Estas distinções estão presentes na diversidade dos objectos e processos que aqui discutimos.

Os periódicos usaram o humor como elemento central da sua «fórmula editorial»<sup>68</sup> para atrair leitores, ao mesmo tempo que a expansão da leitura na passagem do século XVIII para o século XIX correspondeu, primeiro, à abertura de uma discussão pública em termos morais, uma crítica de costumes. Numa fase posterior, a crítica de costumes evoluiu para uma crítica social. Levado aos limites, o humor viu a sua eficácia testada numa dialéctica do ser com o dever ser em que a ambiguidade do mesmo humor se constrói na consciência da fronteira do lícito e do ilícito, hoje mais difícil de entender.

Presente na construção dos dois pilares da expansão da leitura no período considerado – os periódicos e a política –, o humor constitui-se como problema na relação proximidade/distância. As piadas, a jocosidade, os efeitos cómicos assentes em jogos de sentido que, à partida, requerem proximidade para poderem ser captados (palavras ouvidas, gestos vistos) vão, graças à leitura, poder ser entendidos à distância. Embora se perca necessariamente algo desses jogos de sentido que só se transmitem presencialmente e na oralidade<sup>69</sup>, a leitura permite, no entanto, entender uma parte significativa deles. Apesar da distância, torna-se possível a pertença à mesma «comunidade de riso»<sup>70</sup>. Há piadas que continuam a ter o mesmo efeito cómico hoje como há duzentos anos e, tal como então, usamos lugares-comuns como «vender gato por lebre», «burro velho não aprende línguas», «gato escaldado de água fria tem medo», «para bom entendedor, meia palavra basta» e, até,

---

<sup>67</sup> DOUGLAS, Mary. The Social Control of Cognition: Some Factors in Joke Perception. *Man*. New series. Vol. 3, Nº 3, 1968, p. 361-376.

<sup>68</sup> CHARTIER. *Op. cit.*, 2002, p. 178.

<sup>69</sup> *Idem*. *Op. cit.*, 1998, p. 18-19.

<sup>70</sup> WILK-RACIEŃSKA. *Op. cit.*

em momentos de maior excitação, ainda se ouve alguém ameaçar «ir ao canastro» a um terceiro, sendo este capaz de deixar tudo «em papos de aranha»<sup>71</sup>.

Além do efeito cómico, os recursos humorísticos podem potenciar a eficácia política: empurrando o humor para além dos limites da decência e do suportável, José Agostinho de Macedo foi pioneiro no uso da expressão «opinião pública». Um seu discípulo – embora não tão talentoso nem tão extremista no uso da língua –, o autor de *Ahi vem o papão*, também se revelou pioneiro, desta vez na utilização do termo «chamorro» para designar os partidários de D. Pedro, tal como passou a ser usado logo a seguir à guerra civil, com intenção política de ofender os membros de uma facção do liberalismo. Em sentido inverso, o humor de *Chegou o Papão* retribuiu com juro os ataques aos miguelistas, tão bem-humorados quanto o seu autor anónimo foi capaz de ser. Ambos os periódicos foram efémeros e ambos expoentes da luta, no espaço público da imprensa, pela conquista e direcção da opinião pública e do papel do humor na mobilização política dessa opinião.

O humor na imprensa periódica portuguesa teve também um papel na circulação e apropriação da cultura impressa no final do século XVIII e início do século XIX, obras em muitas línguas que até permitiram aos jornais fazer piadas a propósito das modas e costumes estrangeiros. Fiel ao lema «nós somos os ecos huns dos outros»<sup>72</sup>, José Daniel Rodrigues da Costa publicou traduções adaptadas de livros estrangeiros sem sequer mencionar o facto ou indicar o autor do original, admitindo que se tinha «aproveitado» do trabalho de outros e aceitando que outros, como o *Piolho Viajante*, fizessem o mesmo com o seu, numa apropriação irrestrita de ideias testemunhada pela recepção destes periódicos em Portugal e no Brasil.

As reflexões de José Daniel sobre o valor material do seu trabalho encaram o leitor como consumidor e integram o autor como profissional do «novo regime literário»<sup>73</sup>. A indicação de bens de consumo básico como termo de comparação do preço dos folhetos é eficaz para fazer entender o que está em causa: esse dinheiro é «bem empregado» porque vai dinamizar o circuito económico que ajuda não só a sustentar o autor, mas também a manter o alfaiate, o sapateiro, o barbeiro ou o galego dos fretes.

Mesmo um periódico humorístico falhado, como o antecipado pelo manuscrito de *O Amor d'Estranja*, cujo prólogo prometia a publicação mensal de dramas joco-sérios, mas que acabaria por não ser dado à estampa por Hipólito da Costa, é representativo de uma crítica política, ao ecoar o ressentimento de sectores da burguesia urbana portuguesa,

---

<sup>71</sup> COSTA, J. D. R. da C. *Almocreve de Petas*. Lisboa. LIV, p. 6.

<sup>72</sup> COSTA, J. D. R. da C. *O Espreitor do Mundo Novo*. Lisboa. 8, p. 2.

<sup>73</sup> BARBOSA. *Op. cit.*, 2017, p. 675-688.

nomeadamente lisboeta, face ao comportamento dos aliados/ocupantes britânicos durante a Guerra Peninsular. Escrito por um brasileiro radicado em Londres cujo periódico *Correio Braziliense* circulava entre a corte do Rio de Janeiro e a burguesia mercantil de Lisboa e do Porto, *O Amor d'Estranja* é, também, um exemplo da globalização da cultura no início do século XIX. A fraca qualidade literária do drama, aliada às pressões financeiras sentidas pelo autor, terá contribuído para a sua marginalização pelo próprio Hipólito da Costa na representação da sua figuração autoral.

Independentemente de se entender o sentido de piadas contadas há dois séculos, o que se conclui do cruzamento dos temas e processos desenvolvidos pelo formato periódico, nas suas semelhanças e diferenças, consoante as estratégias que serviam, é a possibilidade de perceber o humor na afirmação – ou desocultação – de verdades já não apenas morais, mas aberta e crescentemente políticas. O confronto moral/costumes passa para o campo da discussão política e é nessa dimensão que, em 1835, se afirma um periódico como *O Quinquilheiro*, exemplo do funcionamento do humor enquanto recurso da crítica política, tornada possível na sociedade liberal, face a um poder dessacralizado. A nova realidade está patente na resposta do filho justificando ao pai ter escolhido tornar-se canhoto porque «a esquerda obra muito melhor que a direita»<sup>74</sup>.

No novo tempo da expansão da leitura e do constitucionalismo, sendo certo que «novos leitores fazem novos textos, com novos significados em função das suas novas formas»<sup>75</sup>, o humor tinha um novo papel a desempenhar. Não já o de uma mera crítica de costumes, mas, ocupando abertamente um lugar no espaço público liberal e mostrando o jogo com o qual, fazendo rir, pretendia marcar novo encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor para construir novos sentidos<sup>76</sup>, influenciar a opinião pública e mobilizá-la para a acção política. Nesse período, que antecedeu imediatamente a «abertura à contemporaneidade»<sup>77</sup>, afirmou-se o sucesso de um género até aí não existente – o do periódico humorístico, sustentado pela relação quotidiana da expectativa do leitor e da aposta do editor –, a par do sucesso do periodismo em geral e da expansão da leitura. Daí resultou outra novidade: o papel abertamente político do humor, não como uma simples incursão do humor na política, mas o humor formatado para a política e reconhecido como tal na discussão política.

---

<sup>74</sup> *O Quinquilheiro*. Nº 3, p. 6.

<sup>75</sup> MCKENZIE, Donald F. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 29.

<sup>76</sup> CHARTIER. *Op. cit.*, 1989, p. 1509-1511.

<sup>77</sup> TENGARRINHA. *Op. cit.*, 2013, p. 473-498.

Recebido em 17 de junho de 2019  
Aceito em 10 de julho de 2020